

Esta história pode ser ouvida em Maraguá no site:
www.editorapeiropolis.com.br/peiropolismundo

De onde vem o beija-flor?

Não existe uma única resposta pra essa pergunta, elas são muitas. A cada cultura, a cada língua, uma história, uma forma de entender a vida. Aqui, o líder indígena Yaguarê Yamã conta a origem dessa criatura encantadora em Maraguá, sua língua e de seu povo.



edição bilíngue português-maraguá

PEIROPOLIS MUNDO
Brasil - Maraguá

A ORIGEM do BEIJA-FLOR

GUANĀBY MURŪ-GÁWA

Yaguarê Yamã

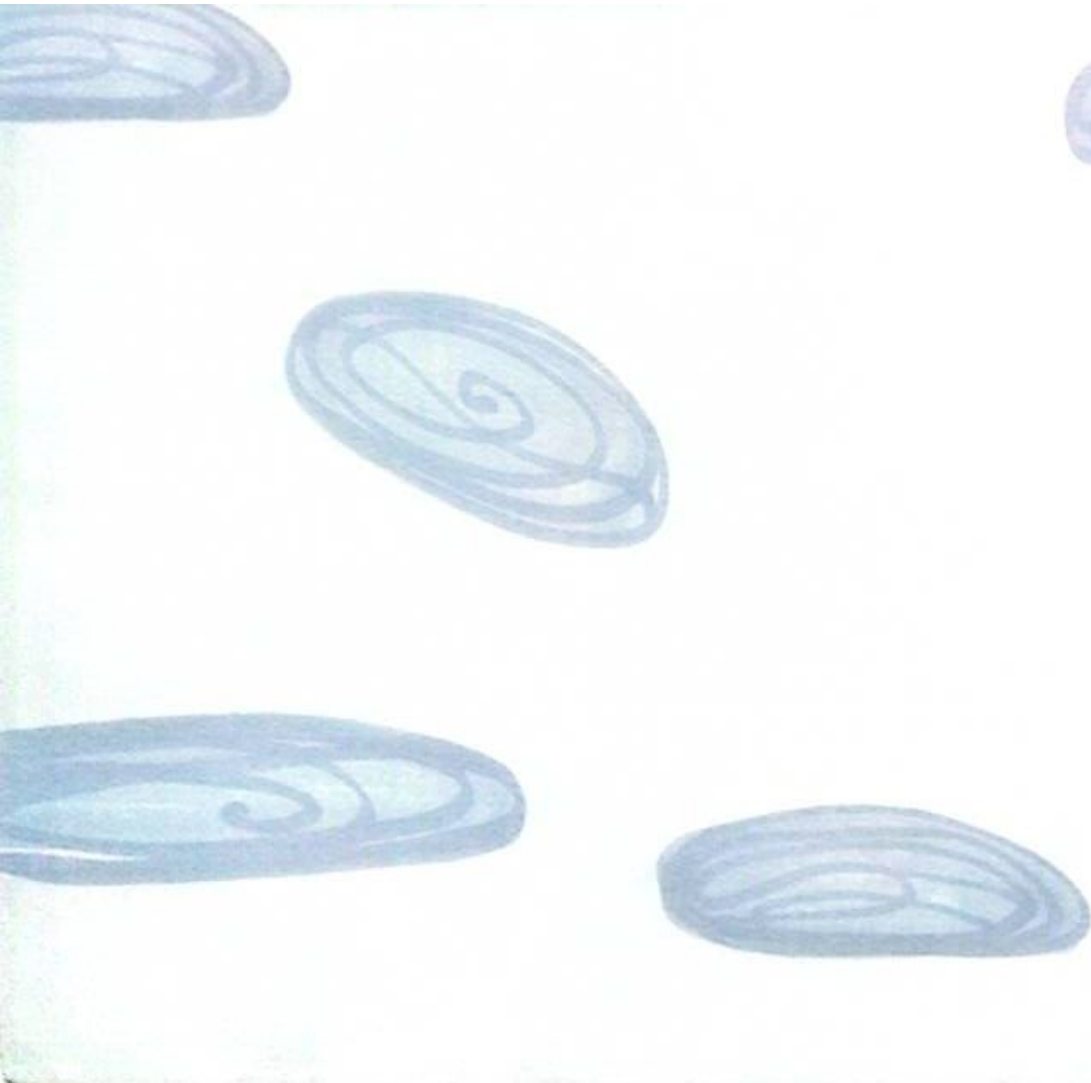
Ilustrações de Taisa Borges



Sze Reis Gomes

A ORIGEM do
BEIJA-FLOR

GUANÃBY MURŨ-GÁVA





A ORIGEM do BEIJA-FLOR

GUANÃBY MURÛ-GÁVA

Yaguarê Yamã

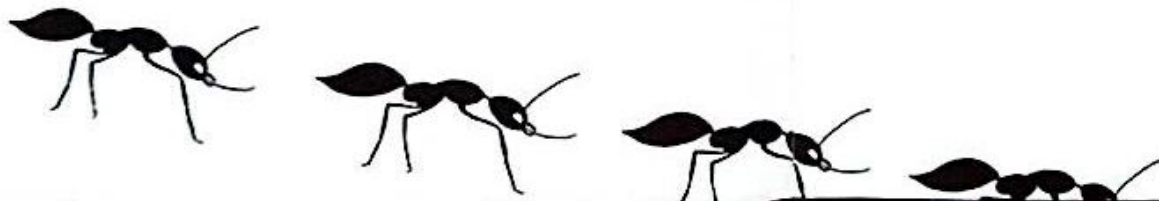
Ilustrações de Taisa Borges

edição bilingue português-maragá



Contam os mais antigos pajés Maraguá,
habitantes do vale do rio Abacaxis, no Amazonas,
que, num tempo distante, existia uma mulher
chamada Guanãby.

Maraguá malyli'ná o nhe'eng ki atignáwa Guarinamá
paraná"guáya-pe o murari yepé kunhã tapúya i-rera Guanãby.



Guanãby era uma caridosa senhora, que tinha ficado viúva muito cedo, passando a viver exclusivamente para sua única filha. Uma bela criança de oito anos chamada Potyra, nome que significa "flor".

Guanãby i yepé kunhã katuçára-eté, ki o gua'ã menayma punãga-pe, ã kwayé o çaçári ykowé i-mëby yepéreté reçé merê. Yepé tainã purãga i-rera Potyra.





Todos os dias, ela levava a menina para passear pelo capinzal, para olhar as flores, os pássaros, as borboletas... Tentava, assim, aliviar um pouco a amarga falta que sentia do marido. Não adiantou. Angustiada, acabou por falecer.

Ará'ná pãnhé o rasó Potyra piry nereté kapizaw-pe.
René o maeng poty, guyrá, panãby... Kwayé o moeçái
i-mena" gutiçawa ayũ. Kwayé kwáye, tãgura reçé, o manó.

Potyra ficou só. Passou momentos de muita tristeza, e seu único consolo era visitar todos os dias a sepultura da mãe, próxima a um cajueiro, rente à praia margeada pelas águas do rio Guarinamã.

Potyra o gua'á yrb. O çaçari guarerê arurü-etê. I-kôsóláçáwa yepeté i visita i-mayã'gumarã, ki pikô allü guãké Guarinamã paranã'sorôtewa pe.



Implorava que sua mãe a levasse para junto dela.
De tanta angústia e solidão, a menina foi enfraquecendo.
Não comia, não brincava... Só ficava sentada, imóvel,
durante horas, junto ao cajueiro, onde estava enterrado o
corpo de Guanãby. Como se sua mãe ainda estivesse viva.

Kunhâtáí o ñplorari ki i-mâyã o rasó ilê. Tãgura ã yrôçáwa
reçê Potyra o gua'ã arurú pory. Tio karú, tio guyê...
I-monhãgáwa panhé i gua'ã alflu'ubêra guiry pe umã-pe
o ikó timawéra Guanãby karaguá, nãpé o guapy ã çaçári
kawé'ná moãng, si i-mayã o ikowé gua'ãwéra yawê.



Passou o tempo, a menina não resistiu e também morreu. Mas a sua alma não se transformou em borboleta, como se esperava e é a crença dos antigos Maraguá. Ficou presa em uma flor de batata'rana próxima à sepultura da mãe, para ficar sempre ao seu lado. Enquanto isso, a alma da mãe, que havia se transformado em alma-borboleta, voava entre as flores que Potyra plantou enquanto estava viva.

Guaré o çaçári, kunhâtai o manó áwé, Ma'ari i-r'ága tio ye'njerari panāby çupé Marā-me o-paméwera, maraguá kakáwa yawé. Ma'ari o-gua'á pisykáçara batata'rana"potyra pupé, i-mayá"guriará piri gua'á i-puagé perenê. Arame-yawá i-mayá"ága i-èjeraçara ágapanāby o-guwé potyra'ná rupy.



A alma-borboleta, que colhia néctar de flor em flor,
quando se aproximou da flor em que estava presa
a alma da filha, ouviu um leve soluço, seguido
de uma canção:

*Minha mãe, minha mãezinha
Ajude-me por favor
Leve-me para o Céu
Casa de nosso Senhor*



Ágapanáby ki o çubāng íra" potyra-çuí, o guaçê potyra gâpê
umã-pe oikó i-mëby'r'āga ramê, o çêdub yengáçáwa yepê:

*Çe guaykiri'í mayã
E petywô xe guaipô
E rasó ixé nãpô
Umã-pe oikó Monãg*

A alma-borboleta reconheceu a filha e tentou libertá-la. Mas não tinha forças suficientes, pois a forma de borboleta é muito frágil. Então pediu a Monãg, o deus da bondade, que a transformasse em um pássaro veloz, para poder tirar a filha de dentro da flor e levá-la para o céu.

Āgapanāby o çāmy aramē i-mēby, o guaki ā ilē aquí o tētari wā i tirāni nāpē çui, mari tio paitē. Aquí o yeruré Monãg çui ki o enjerāni ilē gurá piriry çupé piri o paitē tihā i-mēby ā o rasó āgnāw kapé.



Monãg se compadeceu de Guanãby e atendeu seu pedido, transformando a alma-mãe em beija-flor. Dessa forma, ela pôde realizar seu desejo.

Monãg o yepitãg Guanãby çui, yawáreçé o ijerári ilê guanãby'r'eté-pe. Kwayé 'tainá"mayã o monhãg paitê mã'a o putári.



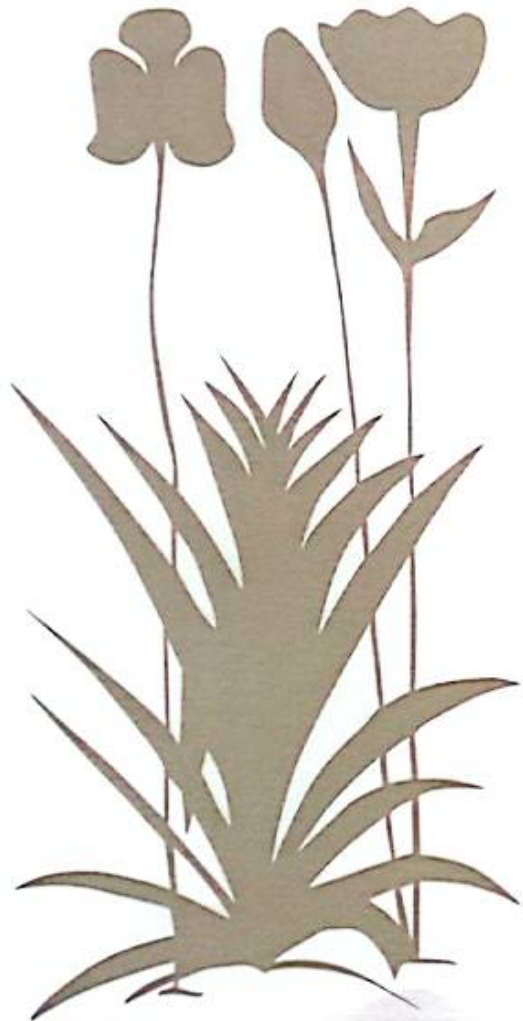


Voou até a flor, desprendeu com o bico a alma da filha e a levou muito feliz para o descanso eterno, no ãgaretama – o mundo dos espíritos.

Açuí Guanãby o guewé poty kapé, o tihári i-mèby"r'ãga siê irũ, o rasó ilê riré çuricy'r'eté ãgnáw kapé, umã-pe o murári Monãg, yepé-pe logári porãga i-rera ãgaretama.







Desde então, quando morre uma criança Maraguá órfã de mãe, sua alma permanece guardada dentro de uma flor de batata'rana. Ali, espera que a mãe venha buscá-la em forma de beija-flor, para levá-la ao Āgaretama, onde está o grande e colorido jardim de Monāg.

Açuí guayé, yepé tainá maraguá mayäyima o manó ramé, i-r'āga o gua'ā guanānáya batata'rāna"potyra pupé, o çarög pitāri ki i-māya guanāby'eté loyá o júri pigāri piri o rasó Āgaretama kapé umā-pe oikó yepé guaçu ā porāga'eté Monāg"potyrédāwa.

Algumas palavras em Maraguá

Agapanáby	Alma-borboleta
Agaretama	O paraíso. O mundo dos espíritos, na mitologia Maraguá
Batata'rana	Planta herbácea típica do cerrado amazônico
Guanáby	Beija-flor
Guarinamá	Nome do rio Abacaxis, em língua Maraguá
Malyli	Pajé, curandeiro
Maraguá	Povo indígena que vive no vale do rio Abacaxis, no estado do Amazonas. Falam o idioma Maraguá, originado da mistura do Nhengatu (língua-geral, de origem Tupi) com o Aruak antigo
Monág	Deus do bem e criador do mundo
Potyra	Flor

Quer saber mais sobre a língua Maraguá?

A língua Maraguá, também chamada *Maraguáñhe'e-g*, é originada do Nhengatu (Tupi moderno), modificado pela forte influência da antiga língua Aruak, etnia da qual surgiu o povo Maraguá. É fruto da miscigenação de idiomas e dialetos nativos, que se agruparam na cultura dos índios Maraguá.

Atualmente, o Maraguá é falado por um pequeno grupo de pessoas que vivem em quatro aldeias, na área indígena Maraguapajy – o país dos Maraguá –, nas margens do rio Abacaxis. Língua materna de pouco mais de dez falantes, na maioria idosos, é um dos idiomas amazônicos em risco de extinção.

Felizmente, com o projeto "De volta às origens", organizado por professores nativos, a língua passou a ser ensinada às crianças nas duas únicas escolas na região, e aos adultos falantes de Português do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Com isso, os indígenas que não falavam mais Maraguá retomaram o idioma no convívio familiar, o que tem ajudado a reestabelecer no povo o sentimento de orgulho e a sua identidade étnica.

São características da língua Maraguá: a ausência das consoantes F, Q e V; o grande número de palavras com G, P e R; o fundamental emprego da acentuação, tanto nasal como oral, generalizada; os pronomes pessoais usados somente com verbos e outros adotados apenas para adjetivos e substantivos; além do uso da posposição, em vez da preposição.

Quer saber mais sobre os Maraguá?

Maraguá é um povo indígena que vive na região do rio Abacaxis, nos municípios amazonenses de Nova Olinda do Norte e Borba. O território é chamado Maraguapajy, o país dos Maraguá, e tem uma área de cerca de 700 mil hectares. Fica entre a Área Indígena Coatá-Laranjal e o Parque Florestal Pau-Rosa. O povo é de origem Aruak, com forte influência Tupi. Fala a língua Maraguá, um dialeto misto de Nhegatu e Aruak, e sua cultura se baseia na antiga cultura tapajônica.

Atualmente, os Maraguá se distribuem em quatro aldeias, todas nas margens do rio Abacaxis, e sua população na área não ultrapassa 200 pessoas. Dividem-se em seis clãs principais: Piraguáguá, Anpunáguá, Çukuyegúá, Pirakóguá, Tawatogúá e Yaguaretegúá, cada um deles representado por um animal. A nação, como um todo, tem como símbolo o Guarungúá – o peixe-boi.

Os Maraguá se organizaram em torno de duas associações – a Associação do Povo Indígena Maraguá (Aspim) e a Associação das Mulheres Indígenas Maraguá (Amima). Desde então, têm lutado pela demarcação de seu território e pela reafirmação cultural da nação. Sua Assembleia Geral está na sexta edição, o que contraria madeireiros, pescadores

predatórios e garimpeiros, acostumados em tempos antigos a invadir o território indígena para derrubar a floresta e a depredar a natureza. O povo Maraguá, mesmo com pressão dessas pessoas e de empresários locais, não desiste do sonho de ter seu território a salvo do desflorestamento.

São conhecidos como “os índios das histórias de fantasmas”, pois sua cultura se baseia na tradição da contação de histórias de fantasmas; e também como “o povo do lago”, por terem hábito de morar em regiões lacustres.

Além de adotar parte da cultura Sateré, os Maraguá mantêm sua própria cultura, da qual faz parte o rito de passagem Wakaripé. Para se tornarem adultos, os meninos acima de dez anos passam por três testes seguidos: precisam dormir sozinhos na floresta; atravessar o rio Abacaxis a nado; e acender as quatro fogueiras ao redor do terreiro principal, onde está o Mōdagará, ou totem sagrado. Esse totem contém os grafismos tradicionais que representam o decorrer da história Maraguá e seus personagens principais. Os Maraguá buscam desde cedo aprimorar a arte de contar histórias. O *Morógetáçara* (contador de histórias) é personagem querido e requisitado nas rodas de conversa, de trabalho comunitário e nos festejos.

Além do Wakaripé, há o ritual Gualipäg. Todo líder ou aspirante a líder precisa passar por uma das suas três provas para se tornar *mirixawa*. A partir de então, já como *mirixawa*, deve completar outras três provas, para se tornar *mirixawa'eté* – caçador-guerreiro-chefe. O aspirante que passa por apenas uma das três provas recebe o nome de *mirixawa* ou caçador. O que consegue, com testemunhas, passar por duas recebe o nome de *guayni-moreguá* ou guerreiro-chefe. Mas o aspirante que completar as três provas recebe com louvor o título de *mirixawa-eté* ou *pemerög*, e será caçador-guerreiro-chefe.

O ritual consiste em uma caçada. São três os animais a serem pegos. E deles o caçador vai extrair seus adornos para usá-los como troféu: o cocar das penas do gavião-real (*apinayé*); o colar dos dentes da cobra sucuriçu (*çukuriçu*); e o bracelete do couro da onça-pintada (*yaguareté-pinima*). Três adereços, três animais, três troféus. Mas não é qualquer onça, gavião ou sucuriçu que vale. Apenas onça adulta, gavião-real e sucuriçu com pelo menos seis metros. Só assim o título será válido para a *Gualipäg*. É difícil prever quanto tempo leva uma caçada como essa. Os caçadores podem concorrer ao longo de toda a vida, começando adolescentes, para concluir as provas já idosos.

Há ainda o *Piäg'ägiré*, que é o ritual de passagem de menina-moça. Deixou de ser praticado há muito tempo, mas ainda se conta quando, no *Piäg'ägiré*, as meninas na idade de doze a quatorze anos eram deixadas reclusas na *Piäg'nówa* – a casa de reclusão para mulheres.

Outros ícones da cultura Maraguá são a prática da luta corporal *Piäguá*; a crença no *urapurú* empalhado; o culto ao *muraquitá* (tradição herdada dos povos tapajônicos, dos quais são os últimos sobreviventes); e sua mitologia repleta de deuses, seres encantados, fantasmas e heróis civilizadores.

A estrutura política tradicional do povo Maraguá se compõe de *tuxawa*-geral, vice-*tuxawa*-geral, *tuxawa* de aldeia, *tuxawa* de clã, *mirixawa* e *malyir*. Todos eles, cargos vitalícios com seus direitos, poderes e funções. Cada grupo – ou aldeia – se compõe de lideranças, que o organiza, governa e administra. O nome étnico do povo Maraguá resulta da junção de duas palavras do seu vocabulário: *mará* (tacape) e *guá* (gente; nação), o que significa “gente ou nação do tacape”.

A ilustradora

Desde criança, Taisa Borges gosta de contar histórias. A menina faladeira foi percebendo que as palavras não eram suficientes para expressar-se. Quando pintou seu primeiro quadro, se deu conta de que uma imagem "esconde" inúmeras palavras. Desde então, Taisa fala pouco e conta muitas histórias.

Depois de graduar-se em Artes Plásticas, estudou artes e desenho de moda em Paris. De volta a São Paulo, desenvolveu estampas e trabalhou com design gráfico. Hoje, a artista plástica dedica-se à ilustração infantil. É autora dos quatro livros que integram a coleção "Livro de imagem", da Editora Peirópolis.



O autor

Sou Yaguare Yamã, escritor nascido no Amazonas e filho do povo indígena Maraguá.

Formei-me em Geografia pela Universidade de Santo Amaro, e morei por vários anos em São Paulo, dando palestras e lecionando na rede pública. Foi aí que iniciei minhas atividades como escritor, na companhia de meus amigos Daniel Munduruku e Renê Kinthaulu.


De volta ao Amazonas, decidi me engajar como ativista indígena na luta pela demarcação das terras de meu povo e por sua organização política.

Atualmente, com 36 anos, e como todo indígena seminômade (risos), depois de passar por cidades e aldeias, moro em Parintins, à margem direita do rio Amazonas. Continuo a lecionar Geografia e Artes na rede estadual de ensino, mas sem tirar o pé dos eventos e das atividades com meus livros no Sul e Sudeste do país.

Além de escritor, professor, geógrafo e liderança indígena, sou ilustrador e artista plástico, especialista em grafismos indígenas. No meu tempo livre, pinto telas de motivo tradicional, valorizando os símbolos-chaves da mitologia dos povos amazônicos.

Email para contato: yaguare@yahoo.com.br



 PEIRÓPOLIS MUNDO
Brasil - Marajó

Este livro integra a coleção Peirópolis Mundo, primeira linha brasileira de livros infantojuvenis dedicada a resgatar línguas ameaçadas de extinção. No mundo existem cerca de 6 mil idiomas, e 2,5 mil deles estão prestes a desaparecer. Com eles, desaparecem também conceitos, valores e visões de mundo.

Os títulos dessa coleção são bilingües, em português e no idioma ameaçado. As histórias são originárias algumas vezes de povos distantes, e outras de culturas bem próximas de nós.

O leitor pode ouvir a história em sua língua original em <editorapeiropolis.com.br/peiropolismundo>.



